

PERSPECTIVAS SOBRE O CLAMOR DE ABANDONO DE JESUS EM MC 15.34

PERSPECTIVES ON JESUS' CRY FOR ABANDONMENT IN MC 15.34

Antonio Douglas Medeiro*

RESUMO

Este artigo propõe apresentar duas perspectivas sobre o clamor de Jesus na Cruz em Mc 15.34. Usaremos como autores base Holly J. Carey e Jürgen Moltmann. Holly entende que Jesus citou a primeira linha do Salmo, mas seu objetivo era demonstrar que ele era o Justo Sofredor do Salmo. Enquanto Jürgen Moltmann entende as palavras de Jesus como um real abandono do Deus Pai, neste caso, a primeira linha do Salmo deve ser entendida como Deus abandonando seu Filho na Cruz.

Palavras-chaves

Abandono. Perspectivas. Clamor

ABSTRACT

This article proposes to present two perspectives on the cry of Jesus on the Cross in Mk 15.34. We will use as base authors Holly J. Carey and Jürgen Moltmann. Holly understands that Jesus quoted the first line of the Psalm, but his point was to demonstrate that he was the Righteous Sufferer of the Psalm. While Jürgen Moltmann understands Jesus' words as an actual abandonment by God the Father, in this case, the first line of the Psalm must be understood as God abandoning his Son on the Cross.

Keywords

Abandonment. Perspectives. Cry.

INTRODUÇÃO

Existem algumas discussões sobre como os autores do Novo Testamento usaram os textos do Antigo Testamento ao citá-los em seus escritos. Sobre as palavras de abandono de Jesus na cruz registrada no evangelho de Marcos 15. 34, alguns interpretam como profética, neste caso, Jesus ao dizer aquelas palavras estava aplicando a ele as palavras de Davi no Salmo 22, como um cumprimento Messiânico. Outros entendem que Jesus não estava fazendo uso profético do Salmo 22, mas se identificando com o sofrimento do salmista, neste caso, Jesus de fato foi abandonado por Deus na cruz.

Neste artigo, nossa proposta é analisar o que de fato significa o clamor de abandono de Jesus em Marcos 15.34. Para isso, iremos abordar o texto com duas interpretações diferentes. No primeiro tópico trabalharemos a perspectiva de que

* Especialista em Teologia do Novo Testamento pelo STJE/UNIFIL. Especialista em Aconselhamento Cristão e em Ensino Religioso pela FETES. Graduado em Teologia pela Escola de Ensino Superior FABRA, Serra, Espírito Santo.
Email: admedeiro@gmail.com

Jesus não foi abandonado, iremos investigar o texto com base nos estudos da autora Holly J. Carey. No segundo tópico trabalharemos a perspectiva de que de fato Jesus foi abandonado na cruz, usaremos como base o autor Jürgen Moltmann. E no terceiro tópico, trabalharemos uma possibilidade de combinação entre as duas perspectivas.

1 O GRITO DE ABANDONO DE JESUS SEGUNDO HOLLY J. CAREY

Holly J. Carey é professora de estudos bíblicos e chefe do departamento de estudos bíblicos na Point University. Obteve seu doutorado em Novo Testamento e Origens Cristãs na Universidade de Edimburgo, sob a supervisão de Larry Hurtado. Entre suas publicações, está o livro *Jesus' Cry from the Cross: Towards a First-Century Understanding of the Intertextual Relationship Between Psalm 22 and the Narrative of Mark's Gospel*, o qual iremos abordar neste artigo.

Neste livro, ela desenvolve um estudo bíblico sobre a narrativa do Evangelho de Marcos e como ele faz uso do tema Justo Sofredor em toda sua narrativa. Ela desenvolve a tese de que, Jesus ao dizer na Cruz que foi abandonado por Deus, ele não foi abandonado por Deus de fato, contrariando muitos especialistas. Iremos ver isso com um pouco mais detalhes.

O texto bíblico está registrado no evangelho de Marcos 15. 35 e diz as seguintes palavras: “À hora nona, clamou Jesus em alta voz: *Eloí, Eloí, lamá sabactâni?* Que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? (Biblia, 1999).”

Podemos logo perguntar se Jesus, o filho eterno de Deus disse essas palavras pois o seu Pai o abandonou na Cruz? Será que ao Jesus dizer essas palavras ele estava experimentando um real abandono do seu próprio Pai? Colocando de outra forma, Deus pode abandonar um dos seus filhos, principalmente seu Filho Eterno? Se as respostas as estas perguntas for que Jesus não foi abandonado, por que ele disse essas palavras? Qual foram suas intenções? Quais eram as intenções de Marcos ao colocar essas palavras em sua narrativa da paixão?

1.1 BREVE ANÁLISE EXEGÉTICA DO SALMO 22

Segundo Holly J. Carey, para entendermos melhor o que de fato as palavras de abandono significam, devemos compreender o uso que Jesus faz do Salmo 22. Alguns entendem que Jesus foi de fato abandonado na cruz porque carregou nossos pecados e por isso, Deus abandonou seu Filho na Cruz. Essa talvez seja a interpretação mais comum tanto em seminários quanto em igrejas. Para Holly, esse tipo de leitura ignora todo o resto do Salmo 22, visto que outros teólogos entendem que todo o Salmo 22 deve ser visto como pano de fundo do lamento de Jesus, e por isso, a libertação do final do Salmo também deve ser experimentada¹ (Carey, 2009, p. 2).

Em seu comentário bíblico nos Salmos, Schökel diz que este Salmo é dividido em duas partes. A primeira parte vai do verso 1 ao 22, onde a ênfase está do desespero e aflição. A segunda parte vai do 23 até o 31, onde o aflito é ouvido e por isso há o louvor a Deus (Schökel, 1996, p. 361). Ele ainda diz que:

¹ Todas as referências retiradas da obra "Jesus' Cry from the Cross: Towards a First-Century Understanding of the Intertextual Relationship Between Psalm 22 and the Narrative of Mark's Gospel" foram traduzidas pelo autor deste artigo.

A duplicação do título do Deus pessoal e a interrogação estabelecem o tom pressuroso da súplica. A pergunta não é protesto, mas é exigência confiante, necessidade de explicar um fato incompreensível. Porque é incompreensível que sendo tu “meu Deus”, o único que eu reconheço, me tenhas abandonado, como se não fosses meu Deus ou eu não fosse teu. Mas se o orante pode dirigir-se a seu Deus em termos tão pessoais, é que não foi abandonado. Contudo, a tensão não se resolve plenamente até o v. 25, que acolhe o substantivo *shw‘h* e desmente o abandono com dupla negação (Schökel, 1996, p. 363).

Ainda sobre o Salmo 22 ele afirma que:

É frequente nos salmos afirmar que Deus não abandona, p.ex., 9,11 os que o buscam; 16,10 a mim; 27,10 ainda que os pais o abandonem; 37,28 seus fiéis ou vassalos; 94,14 sua herança (Schökel, 1996, p. 363).

Schökel entende que a parte final do Salmo 22 é a mais importante para o salmista (Schökel, 1996, p. 369). Diante disso, devemos ler o Salmo 22 tendo em mente sua parte mais importante, o resgate. Nancy, num artigo publicado em 2019 faz outra contribuição numa direção parecida. Para ela, o primeiro verso dos Salmos era conhecido como o título do salmo e o sofrimento no título já pressupõe o socorro de Deus (Kardos-Moldovan, 2019, p. 5).

1.2 O SALMO 22 E O JUSTO SOFREDOR NO PRIMEIRO SÉCULO

Segundo Holly, a maioria dos estudiosos do Novo Testamento concordam que existia uma tradição do tema do Justo Sofredor tanto no Antigo Testamento, quanto em escritores extrabíblicos. E os primeiros cristãos teriam entendido e apropriado deste tema (Carey, 2009, p. 95). Talvez o grande nome que defenda a ideia de um corpo de textos seja C. H. Dodd. Para ele, existia nos tempos dos primeiros cristãos um corpo de textos, denominado de “Testemunhos”, do Antigo Testamento que eles utilizavam como base para fundamentar Jesus no AT (Dodd, 2020, p. 36). O autor de Hebreus usou bastante o Salmo 110, por exemplo, em Hebreus 1.13. Pedro também usou este mesmo Salmo em Atos 2. 34-35. Ou seja, possivelmente existiam textos do AT bem utilizados pela igreja do primeiro século. Quando os autores do novo testamento fazem as citações, alusões ou ecos, os primeiros leitores dos documentos poderiam fazer ligações com o que eles conheciam.

Holly comentando sobre os trabalhos que foram feitos sobre o tema do Justo Sofredor diz que a:

[...] existência de um conjunto de histórias nas Escrituras e na literatura extra-canônica que contém um protagonista que vivencia o sofrimento nas mãos de seus inimigos, mas que é resgatado ou tem a promessa de resgate por Deus devido à sua inocência. A presença de várias histórias que contêm cenários sobrepostos para seus protagonistas nesses textos sugere que se pode realmente falar de um 'motivo do Justo Sofredor' que existia bem antes do primeiro século [...] (Carey, 2009, p. 101)

Este tema aparece também nos textos da comunidade de Qumran. A figura do Mestre de Justiça é revelada como o fiel seguidor de Deus que é perseguido injustamente pelo sacerdote iníquo (Carey, 2009, p. 102). Holly diz que para as três figuras: Davi, Mestre da justiça e Jesus de Marcos, “as palavras do salmista tornam-se suas próprias palavras, as circunstâncias do salmista tornam-se suas próprias circunstâncias.” Esses três personagens tem o mesmo tema pois ambos “suportam

a perseguição de seus inimigos, e eles entendem sua vindicação por Deus como tendo significado escatológico.” (Carey, 2009, p. 104).

Para Holly, fica evidente que existia uma tradição do Justo Sofredor difundida na literatura judaica do primeiro século. E também pelos menos duas figuras do Justo Sofredor foram baseadas no Salmo 22, a saber o Mestre da retidão da comunidade de Qumran e o protagonista em Sab. 2-5 (Carey, 2009, pp. 124-125).

Podemos concluir esse ponto com uma citação de Luke Timothy Johnson, em seu artigo sobre Hebreus, mas que podemos aplicar o mesmo método ao livro de Marcos.

O poder de . . . alusão e eco é possivelmente ainda mais forte do que a da citação direta, precisamente porque a linguagem das escrituras não é colocada entre parênteses como algo 'outro', mas é apropriada como a própria linguagem do autor sem explicação ou pedido de desculpas. E se autor e leitor (ou orador e ouvinte) entendem a dicção das escrituras e captam cada alusão textual sutil, então certamente eles habitam o mesmo mundo bíblico (Johnson, 2003, pp. 241, tradução nossa.).

1.3 BREVE ANÁLISE BÍBLICA DE MARCOS 15.34

Richard Hays, comentando sobre o uso do Salmo 22 por Jesus diz:

Se tudo isso estiver correto, segue-se que não podemos parar de ler o salmo com seu grito inicial: “Meu Deus, por que me desamparaste?” Marcos indicou a seus leitores que todo o salmo deve ser lido como uma prefiguração do destino de Jesus² (Hays, 2016, p. 74).

Diante de tal argumento, podem surgir questionamentos sobre se as palavras de Jesus revelam um abandono sombrio do Filho Deus. Hays ainda afirma sobre como devemos ler essas palavras:

O que estou sugerindo é que ler o clamor de Jesus na cruz em Marcos 15:34 como uma evocação intertextual da promessa de esperança do Salmo 22 não é simplesmente uma desculpa exegética, uma falta de coragem que se recusa a aceitar o retrato sombrio de Marcos da morte de Jesus pelo valor de face. Em vez disso, é uma estratégia de leitura que o próprio Marcos nos ensinou por meio de suas repetidas referências alusivas a trechos das Escrituras que apontam além de si mesmos para suas próprias configurações narrativas originais e levam o leitor a reavaliar o sentido superficial da história de Jesus. Tal estratégia de leitura é um ato de receptividade do leitor à admoestação de Marcos de prestar atenção ao que ouvimos (Hays, 2016, p. 75).

O que Hays está dizendo é que, Marcos vem contando uma história sobre Jesus, e nesta história há sofrimento, mas também há esperança. Jesus será morto, mas ressuscitará. Essa é a história que Marcos espera que seus ouvintes primários entendam. A narrativa da paixão de Jesus revela muito sobre seu sofrimento, porém, sua morte não será o fim, pois ele ressuscitará ao terceiro dia.

Parece que lemos Marcos somente como uma narrativa sobre o sofrimento de Jesus. Sobre sua morte horrível na sexta-feira da paixão, e esquecemos o domingo da ressurreição. Holly J. diz algo muito importante para nossa compressão correta de Marcos:

As três previsões de sua paixão e ressurreição de Marcos Jesus no centro da narrativa do evangelho (8,31; 9,31; 10,33-34) são comumente

² Todas as referências do livro “Echoes of scripture in the gospels” foram traduzidas pelo autor deste artigo.

referidas como as 'previsões da paixão'. Aqueles que usam essa terminologia, conscientemente ou não, concentre-se em apenas um aspecto da previsão: o futuro sofrimento e morte de Jesus. No entanto, todas essas três passagens também incluem a previsão de sua ressurreição (Carey, 2009, p. 46)

Para Holly, no meio da erudição popular tem um entendimento de que o evangelho de Marcos parece mais um filme “Noir”, aqueles filmes de dor e sofrimento e com finais melancólicos (Carey, 2009, p. 46). É comum a opinião de que este evangelho foca na humanidade de Jesus e pouco em sua divindade. E outro argumento também bastante comum é que Marcos faz alusão ao Servo Sofredor de Isaias 53, no capítulo 10 e verso 45: “Porque o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”. Segundo Hays, dificilmente existe um eco profeta Isaias nesta passagem de Marcos (Hays, 2016, p. 76).

Holly entende que as primeiras linhas dos Salmos funcionavam como títulos, indicando que o contexto estava implícito. Ela diz que há:

[...] evidência deste uso específico dos salmos tanto antes do primeiro século (nas Escrituras), no Judaísmo do Segundo Templo (Qumran), e depois, durante a escrita da Mishná. Nas Escrituras também há exemplos semelhantes deste método que envolvem nomear livros e objetos pela primeira linha ou palavras escritas ou faladas (Carey, 2009, p. 107).

Joel Marcus afirma com veemência sobre o uso do Salmo 22 nos tempos de Jesus:

Não importa o que significava no original, o Salmo 22 foi frequentemente interpretado no judaísmo posterior como uma descrição de eventos escatológicos, incluindo a ressurreição (Marcus, 1992, pp. 180, tradução nossa.).

Nancy entende que Marcos interpreta Jesus como o Justo sofredor em toda sua narrativa da paixão. Colocando desta forma, Jesus invoca a primeira linha do salmo 22 na crucificação, com o final em mente, sabendo que Deus iria vindica-lo (Kardos-Moldovan, 2019, pp. 22, tradução nossa). Com sua ressurreição em mente, Jesus vislumbra sua ressurreição, sabendo que Deus não iria abandoná-lo na cova, como nunca abandonou seus filhos em toda a história de Israel. Como o próprio Yewah disse pelo profeta Isaias em 49.15

Acaso, pode uma mulher esquecer-se do filho que ainda mama, de sorte que não se compadeça do filho do seu ventre? Mas ainda que esta viesse a se esquecer dele, eu, todavia, não me esquecerei de ti (Biblia, 1999).

Holly, criticando uma interpretação tradicional do grito de abandono comenta:

Embora seja claro que aqueles ao redor de Jesus o rejeitam e o abandonam em sua jornada em direção à cruz durante o curso da narrativa de Marcos, não há indicação de que Deus o faça ou o vai fazer. Uma coisa é que os humanos pecadores e míopes deixem de compreender plenamente o propósito de Jesus (pois esta é claramente a razão que o próprio Marcos dá para a rejeição e abandono de Jesus pelo povo: cf. Marcos 6.1-6), mas é bem outra coisa para afirmar que Deus faz isso. Embora o leitor possa estar preparado para esperar repetidos abandonos de humanos na narrativa, não há indicação até Marcos 15.34 de que Deus abandonará Jesus! De fato, na narrativa de Marcos, aqueles

que abandonam Jesus são precisamente aqueles que 'não entendem direito' sobre a missão de Jesus (Carey, 2009, p. 158).

Para finalizar, Holly entende que o ponto mais importante é como os primeiros leitores de Marcos iriam compreender o seu evangelho. Como a prática de cantar os salmos era comum na comunidade dos primeiros cristãos (Carey, 2009, p. 125), o salmo 22 poderia estar bem vivido nas mentes deles. Holly então diz que:

Se de fato os leitores do evangelho estivessem familiarizados com Sl. 22, pode-se presumir que eles estavam cientes de que, embora o salmo comece com lamentação, termina com o louvor a Deus por sua libertação. De fato, essa é uma trajetória comum nos Salmos do Justo Sofredor, embora essa libertação às vezes seja antecipada no futuro, em vez de ser experimentada atualmente pelo indivíduo ou pela comunidade. No caso do uso de Marcos de Sl. 22 em sua narrativa da paixão, essa trajetória do salmo pode fornecer uma dica da vindicação final de Jesus em sua morte. Isso pode muito bem ser refletido na confissão do centurião de Marcos 15.39, que é uma confissão da identidade de Jesus como filho de Deus, e na descrição de Marcos de José de Arimatéia como aquele que está esperando o reino de Deus em 15.43, um reino do qual o salmista fala no Salmo. 22,26-32, especialmente nos quatro últimos versos do salmo (Carey, 2009, pp. 148-149).

2 O GRITO DE ABANDONO DE JESUS NA CRUZ NA VISÃO DE JÜRGEN MOLTSMANN

Jürgen Moltmann foi um teólogo alemão de tradição reformada. Nasceu em Hamburgo no dia 8 de abril de 1926 aos dezessete anos serviu o exército alemão em 1943 e viu sua cidade natal destruída foi enviado ao front para a batalha e depois de seis meses foi feito prisioneiro de guerra pelos ingleses em North Camp. Só retornou para a Alemanha em 1948 (Kuzma, 2013, p. 17).

Para entendermos como ele desenvolve sua teologia do grito de abandono de Jesus, precisamos entender sua experiência na segunda guerra mundial. Pois sua exegese de Marcos 15.34 é feita diante de seu abandono num campo de concentração.

2.1 O ABANDONO DE MOLTSMANN

Moltmann descreve os momentos quando foi prisioneiro de guerra da seguinte forma: “O fim da guerra e do verão de 1945 trouxeram um pavor gélido ao acampamento [...]. Inúmeras pessoas estavam diante do nada e não sabiam mais para onde ir” (Moltmann J. , 2002, p. 11). Ele experimenta o horror da guerra diante de seus olhos, longe de amigos e familiares, abandonado a sua própria sorte.

Neste campo de concentração ele recebe uma Bíblia, ficou bastante feliz, mas não entendia muito o que estava escrito. Porém, quando leu o Salmo 39. 12: “Ouve a minha oração, Senhor; escuta o meu grito de socorro; não sejas indiferente ao meu lamento. Pois sou para ti um estrangeiro, como foram todos os meus antepassados.” E quando leu o grito de Jesus no evangelho de Marcos, “Meus Deus, por que me abandonaste”, soube que Deus o compreendia. Nestas leituras, Moltmann percebe que assim como Deus foi abandonado na Cruz, esse mesmo Deus podia se compadecer do seu sofrimento. O Deus da Bíblia não era apático a todo sofrimento que ele estava passando, pelo contrário, ele sentiu a mesma dor que ele estava sentindo (Moltmann J. , 2002, pp. 12-13).

Moltmann olha para o grito de abandono de Jesus e se identifica com ele: “[...] comecei a compreender o Cristo atribulado, porque sentia que era compreendido por ele: o irmão divino na aflição, que leva consigo os cativos em seu caminho para a ressurreição.” (2002, p. 13). O seu Deus não estava distante de todo aquele sofrimento, ele estava ali, com ele, no meio do horror da guerra, sofrendo junto com ele. Jesus era para ele o irmão no sofrimento e o redentor da culpa (2002, p. 13).

É nesta experiência longe do seu lar, abandonado, numa prisão, que ele tem um encontro com Deus, e nesse encontro ele formula sua teologia. Esta experiência é a raiz de seus esforços teológicos. É do grito do crucificado que Moltmann encontra esperança no meio de abandono. O Deus abandonado era o seu Deus, o Deus que se compadecia do seu sofrimento (Moltmann J. , 2002, p. 13).

2.2 BREVE ANÁLISE BÍBLICA DE MARCOS 15. 34

Ao encontrar Deus no meio da dor, sofrimento e abandono, Jürgen Moltmann desenvolve sua Teologia da Cruz, apesar de ser posterior a Teologia da Esperança, ele diz que ela era sua preocupação antiga (Kuzma, 2013, p. 19). Certo é que, para Moltmann, “A morte de Jesus é o centro de toda a teologia cristã” (Moltmann J. , 2014, p. 252). Ele via no Cristo crucificado o Deus que ama e se entrega a morte por aqueles que sofrem.

Moltmann interpreta o clamor de abandono de Jesus como uma oração, assim, Jesus estava se identificando com o sofrimento do salmista. O clamor de abandono do salmista é o clamor de abandono de Jesus. Moltmann segue uma linha interpretativa bem conhecida na tradição cristã. George Edon Ladd, analisando o clamor de abandono de Jesus em Marcos 15. 34 diz:

Esta é, de fato, um a citação de Salmos 22:1, e certamente significa, pelo menos, que Jesus é alguém que participa do sofrimento da humanidade. O ponto de vista que afirma ter Jesus experimentado um sentimento de completo abandono por parte do Pai é mais satisfatório. Ainda, é possível que “o peso do pecado do mundo, sua completa auto identificação com os pecadores, envolveu não meramente um sentimento, mas um real abandono da parte do seu Pai” (Ladd, 2001, p. 180)

James R. Edwards faz uma afirmação contundente sobre o abandono de Jesus:

Os salmos 22 e 69 reverberam ao longo de todo o relato da crucificação, e a presente citação do salmo 22 identifica Jesus como o justo que sofre sem causa. Jesus — rejeitado e zombado por Israel, sacrificado com o peão político por Roma, negado e desertado por seus seguidores — é totalmente abandonado e exposto ao horror do pecado da humanidade. Esse horror é tão total que, em sua respiração à beira da morte, ele sente sua separação de Deus (Edwards, 2018, p. 585).

James R. Edwards entende que de fato Jesus foi abandonado por Deus na cruz, me parece que concorda com Ladd, de que, foi devido os pecados da humanidade estarem sobre ele. Quando os pecados caíram sobre Jesus, Deus Pai o abandonou. Para James, uma rejeição completa. Rejeitado por todos, até mesmo seu Pai. Howard I. Marshall parece ter um entendimento de que as palavras de abandono de Jesus revelam o real abandono de Deus (Marshall, 2007, p. 69).

N. T. Wright, segue esse tipo de interpretação, ele diz: “[...] tudo acontece por causa do abandono de Deus ao Filho de Deus (Wright, 2020, p. 269).” Podemos

chegar à conclusão que, por mais que essa interpretação seja a mais popular, ela é defendida por muitos especialistas bíblicos.

2.3 CONCLUSÃO DA ANÁLISE DO ABANDONO LITERAL DE JESUS EM MOLTSMANN

É importante entendermos o conceito da Trindade de Moltmann, como Jesus é Deus, a tradição cristã não abre mão deste ponto, logo, se Jesus foi abandonado na cruz, Deus foi abandonado na cruz. Maria Goretti de Oliveira, em seu excelente artigo sobre o sofrimento de Deus em Moltmann, diz:

Deus sofre! Senão não poderia amar. O sofrimento está entre Deus e Deus. Deus não somente se envolve com o sofrimento, mas o sofrimento está nele mesmo, ele participa ativamente deste sofrimento. Porém o sofrimento de Deus não se dá da mesma maneira que o nosso. A sua essência é a misericórdia. Se Deus não for empático, não pode consolar a criatura humana. Somente quem prova um mesmo sentimento é capaz de consolar porque tem empatia (2016, p. 125),

O Deus abandonado e sofredor encontra lugar na teologia rabínica, Elie Wiesel, sobrevivente de Auschwitz, diz:

A SS enforcou dois homens judeus e um jovem perante todo o campo. O homem morreu rapidamente, mas a agonia da morte do jovem durou por meia hora. ‘Onde está Deus? Onde ele está?’, alguém perguntou atrás de mim. Enquanto o jovem ainda estava pendurado em seu tormento pelo laço, depois de um longo tempo, ouvi o homem exclamar novamente, ‘Onde está Deus agora?’. E ouvi uma voz dentro de mim responder: “Onde ele está? Está aqui. Está pendurado lá na forca...” (Moltmann J. , 2014, p. 348).

Conforme Dietrich Bonhoeffer (2003, p. 488), pastor e teólogo alemão que morreu como mártir por conspirar contra Hitler, escreveu enquanto estava preso no ano de 1944:

Deus deixa-se empurrar para fora do mundo até a cruz; Deus é impotente e fraco no mundo e exatamente assim, somente assim ele está conosco e nos ajuda. Em Mt 8.17 está muito claro que Cristo não ajuda em virtude de sua onipotência, mas de sua fraqueza, de seu sofrimento! [...] somente o Deus sofredor pode ajudar.

Para Moltmann (2014, p. 81), “Jesus sofreu e morreu solitariamente. Os discípulos, no entanto, sofrem e morrem em comunhão com ele.” Jesus sofreu e morreu sozinho para aqueles que estão sofrendo, morrendo, agonizando e abandonados pelos seus amigos mais próximos, possam ter comunhão com ele. O abandono do Cristo significa a comunhão dele com os abandonados. Deus se compadece da dor e sofrimento e por isso, sofre e morre por eles.

3 UMA POSSÍVEL COMBINAÇÃO DAS DUAS PERSPECTIVAS

Seria possível ambas as interpretações estarem certas? Teria Jesus pronunciado apenas o primeiro verso tendo em mente todo o Salmo e mesmo tendo convicção que seria vindicado (como vimos anteriormente) ele sofreu um abandono real de seu Pai? Podemos combinar as duas interpretações sem sermos contraditórios?

Sobre essas interpretações de Marcos 15.34, Larry Hurtado (1995, p.285). diz:

Segundo alguns eruditos, devemos entender que Jesus estivesse serenamente recitando todo o Salmo 22, que é a oração do justo sob o ataque de seus inimigos. Esse brado não indicaria, então, uma consciência de abandono e desesperança da parte de Jesus. Outros acham que o brado deve ser entendido de forma literal, pois Jesus experimentou em sua morte tanto o abandono da parte de Deus como o tormento dos pecadores pelos quais o Senhor morreu. Entretanto, aceitar uma perspectiva e desprezar a outra equivaleria a perder parte do objetivo de Marcos nesta passagem. Certamente Marcos tenciona que seus leitores compreendam que a morte de Jesus envolveu sofrimento e vergonha genuínos, de modo que qualquer ideia sobre a serenidade de Jesus na cruz não faz justiça ao que sabemos a respeito de crucificação, nem ao relato de Marcos

Isso é importante de mencionar, por mais que Holly possa estar certa em seu ponto, que Marcos ao relatar as palavras de desamparo de Jesus, ele tem em mente todo o Salmo, fica a pergunta: teria Jesus de Nazaré tido um sentimento de abandono por parte de Deus? Podemos acreditar que sim, que as palavras de Jesus são sinceras, sobre seu sentimento de abandono, e ao mesmo tempo o Pai não ter lhe abandonado. Podemos compreender isso com a doutrina das duas naturezas de Jesus, a união hipostática.

Alistér McGrath (2005, p. 659) define a doutrina da união hipostática como: “Doutrina que defendia a união das naturezas divina e humana em Cristo, sem que ocorresse, no entanto, uma confusão de suas respectivas substâncias”.

E uma consequência da doutrina da união das duas naturezas de Cristo era a comunicação de atributos. Charles Hodge define isso não como uma natureza que participa da outra, mas que Cristo, o Redentor, é participante das duas naturezas (Hodge, 2001, p. 774). O que se pode afirmar de uma natureza, pode se afirmar da pessoa. Sendo assim, Cristo participa da natureza humana, a natureza humana é finita e fraca, logo, Cristo também é finito e fraco, a ponto de entrar em desespero na Cruz.

Diante disso, podemos entender que o clamor de Jesus na Cruz, o clamor de abandono foi real. De fato, Cristo, por causa de sua natureza humana, estava experimentando tanta dor e sofrimento, como Moltmann entende, a ponto de se sentir abandonado pelo seu Pai. Momentos antes desses acontecimentos, Jesus estava tão angustiado em sua alma que estava a ponto de morrer e depois orou ao Pai pedindo a possibilidade de passar o cálice, em Mc 14.34-36. Devemos olhar para estes textos somente como possíveis alusões e citações, ou como um clamor de uma pessoa que está aflita?

De um lado, lemos a análise exegética de Holly, por outro lado, vimos a análise teológica de Moltmann. Seria possível as duas análises não serem auto excludentes? Concluímos esse tópico dizendo que sim, é possível conciliar ambas as interpretações, modificando-as em alguns pontos.

De um lado, Cristo, devido sua natureza humana, clama ao Pai o porquê do abandono, se identificando como o salmista. Por outro lado, Cristo, devido sua natureza divina, cita a primeira linha do Salmo 22 confiando que no final ele seria vindicado, assim como acontece no final do Salmo. Jesus sente o abandono, mas não é abandonado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir trazendo algumas contribuições deste artigo para a comunidade cristã. Como o artigo aqui apresentado é uma discussão bíblica, exegética e teológica, pastores podem aplicar alguns pontos tratados neste estudo.

Primeira contribuição, o ponto apresentado por Holly levanta uma questão importante na vida dos pastores, será que suas interpretações bíblicas estão realmente de acordo com as intenções dos autores bíblicos? Talvez devido a muitas demandas nas comunidades deixam os pastores tão atarefados que acabam deixando os estudos bíblicos de lado? E no máximo consultam alguns poucos comentários bíblicos e usam Bíblias de Estudo, que são limitadíssimas, para o preparo de sermões. Pastores, vocês não precisam fazer um mestrado ou doutorado, mas devem buscar o máximo possível de conhecimento sobre suas ferramentas de trabalho, que é a Bíblia.

Uma segunda contribuição, os estudos acadêmicos não podem produzir corações secos e mentes frias. Não é um livro comum que está sendo examinado, é a Palavra de Deus. Ela deve ter uma conexão com aquele que a examina. Moltmann encontrou nela resposta para suas dores e sofrimentos, se ela não é relevante para sua vida, não é relevante para seus estudos. E tudo que você aprender com seu intelecto, não chegará até seu coração.

Para os escravos negros piedosos dos Estados do sul dos EUA, seus cânticos espirituais concentravam-se na crucificação e ressurreição de Jesus. Para eles, os sofrimentos e a morte de Jesus eram um símbolo de seus próprios sofrimentos e desprezo. Jesus não estava sozinho quando foi pregado na cruz e perfurado no lado. Os escravos negros sofreram e morreram com ele. Na morte de Jesus, os escravos negros se identificaram com o Cristo crucificado. Eles conheciam a dor e rejeição de ser pendurado numa árvore, eles entendiam o significado da dor e do abandono da morte de Jesus na cruz (Moltmann J. , 2014, pp. 71-72). Eles cantavam: “ Você estava lá, quando eles crucificaram meu Senhor? Nós, os escravos negros, estávamos lá com ele em sua agonia. ” (Moltmann J. , 2014, p. 72).

Como bem disse Moltmann (2014, p. 354): “Deus em Auschwitz e Auschwitz no Deus crucificado - essa é a base para uma esperança real que tanto abraça quanto vence o mundo, e a base para um amor que é mais forte que a morte e que pode suportá-la. ”

Uma terceira contribuição é para os discípulos de Jesus. Para Holly J. Carey: “O tema geral do discipulado é uma preocupação penetrante do evangelho de Marcos.” (Carey, 2009, p. 129). O seguir Jesus é aceitar o caminho do discipulado, um caminho que muitas vezes é caracterizado pela dor e sofrimento. Seguir o Mestre que foi perseguido e morto significa sofrimento e abandono em algum momento do discipulado. Holly Carey continua dizendo que: “Assim, para o evangelho de Marcos, a pessoa de Jesus funciona como aquele que dá o exemplo da atitude e ação que seus seguidores (ambos os discípulos dentro da narrativa e os leitores implícitos de Marcos) devem imitar. ” (Carey, 2009, p. 129).

Assim como o Mestre da Justiça da comunidade de Qumran e o Justo Sofredor dos Salmos, Jesus é apresentado como o modelo para a comunidade dos discípulos no evangelho de Marcos. Para Carey, enquanto os sofrimentos de Jesus são relatos na narrativa de Marcos, a dos discípulos é projetada para o futuro (Carey, 2009, p. 129). A comunidade dos discípulos será conhecida como a comunidade que pratica a justiça, mas é perseguida, que é justa mas sofre injustiça,

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEALE, G. K. (2013). Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento: Exegese e interpretação. São Paulo: Vida Nova.
- BIBLÍA, A. (1999). Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil (2º ed.). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil.
- BONHOEFFER, D. (2003). Resistência e Submissão: cartas e anotações escritas na prisão (1ª ed.). (L. M. Sander, Ed.) São Leopoldo: Sinodal.
- CAREY, H. J. (2009). Jesus' cry from the cross: Towards a First-century Understanding of the Intertextual (1º ed.). New York: T&T Clark International.
- DODD, C. H. (2020). Segundo as Escrituras: estrutura fundamental do novo testamento (18º ed.). São Paulo: Fonte Editorial.
- EDWARDS, J. R. (2018). O comentário de Marcos. São Paulo: Shedd Publicações.
- HAYS, R. B. (2016). Echoes of scripture in the gospels. Waco, Texas: Baylor University Press.
- HODGE, C. (2001). Teologia Sistemática. São Paulo: Hagnos.
- HURTADO, L. W. (1995). Novo Comentário Bíblico Contemporâneo. Editora Vida.
- JOHNSON, L. T. (1 de Julho de 2003). The Scriptural World of Hebrews. SAGE Journals, 57(3), p. 241.
- KARDOS-MOLDOVAN, N. (4 de Abril de 2019). Psalm 22 and The Passion Narrative of the Gospels: Prophetic, Analogous, or Both? Honors Theses, pp. 208-259.
- KUZMA, C. (Jan/Abril de 2013). O teólogo Jürgen Moltmann e o seu caminhar teológico realizado na esperança. Revista do Depto. de Teologia da PUC-Rio/Brasil, 17(43), 15-38.
- LADD, G. E. (2001). Teologia do Novo Testamento (1º ed.). São Paulo: Hagnos.
- MARCUS, J. (1992). The Way of the Lord: Christological Exegesis of the Old Testament in the Gospel of Mark. Louisville: Westminster/John Knox Press.
- MARSHALL, I. H. (2007). Teologia do Novo Testamento: diversos testemunhos, um só evangelho (1º ed.). São Paulo: Vida Nova.
- MCGRATH, A. (2005). Teologia sistemática, histórica e filosófica. São Paulo: Shedd Publicações.
- MOLTMANN, J. (2002). A Fonte de Vida: o Espírito Santo e a teologia da vida (1º ed.). São Paulo: Loyola.
- MOLTMANN, J. (2014). O Deus Crucificado: A Cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. (1º ed.). (L. H. Silva, Ed.) Santo André: Academia Cristã.
- OLIVEIRA, M. G. (Jul/Dez de 2016). Pode Deus Sofrer? Revista Eletrônica Espaço Teológico, 10(18), 122-133.
- SCHÖKEL, L. A. (1996). Salmos I: salmos 1-72. São Paulo: Paulus.
- WRIGHT, N. T. (2020). Marcos para todos (1º ed.). Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil.